

DIÁTESE VERBAL

José Rebouças Macambira

1 — Definição

Diátese ou *vozes do verbo*, são as formas que o verbo assume para indicar a sua relação com o sujeito, encarado como agente, paciente ou apenas envolvido no processo.

Chama-se *processo* ao conteúdo semântico do verbo, como *ação, fenômeno, estado* e várias outras significações que não se podem sistematizar. O termo vem do latim *processus* "aquilo que se passa" no tempo, e, conseqüentemente, possui as categorias *presente, passado* e *futuro*, expressas por meio de flexões gramaticais. O *amar* desenrola-se no tempo sob as formas *amei-amo-amarei* e várias outras formas temporais. Em

a) *Deus criou* o mundo em seis dias, a relação entre *Deus* e *criou* é ativa, encarado o sujeito como *agente*; em

b) *Cristo foi traído* por Judas, a relação entre *Cristo* e *foi traído* é passiva, encarado o sujeito como *paciente*; em

c) *O herói se revoltou*, a relação entre *o herói* e *se revoltou* não é propriamente ativa nem propriamente passiva. Indica, no entanto, que o *herói* está envolvido na revolta e, portanto, *envolvido no processo*.

2 — Esquema Geral

Só existem duas vozes propriamente ditas — voz *ativa* e voz *passiva*, que se desdobram em três outras — *reflexiva, recíproca* e *média*, conforme o seguinte esquema:

- Vozes do verbo {
- a) ativa
 - b) passiva
 - c) reflexiva (soma de a e b)
 - d) recíproca (tipo de reflexiva)
 - e) média (síntese de a e b)

Os termos *ativa* e *passiva* e, conseqüentemente, *reflexiva*, *recíproca*, *média*, têm correspondência semântica imprecisa, sobretudo o primeiro (ativa) e o seu valor é mais nomenclatório do que propriamente científico. Cada um será descrito formalmente no respectivo subcapítulo consoante os seus traços estruturais. Não esqueçamos as primeiras palavras da nossa definição: "Diátese são as *formas* que o verbo assume", pois será de formas, e não de sentido, que nos ocuparemos.

Como o esquema esclarece nos parênteses, a reflexiva é a *soma* da ativa e da passiva; a recíproca — um *tipo* de reflexiva; a média — a *síntese* da ativa e da passiva — *soma*, *tipo* e *síntese* que serão demonstradas e bastante exemplificadas quando as vozes forem descritas individualmente.

O verbo de ligação não tem voz, é adiatético. Se a voz indica a relação entre o verbo e o sujeito, e o verbo tem conteúdo semântico, pois exprime o processo, é óbvio que o verbo *ser*, ou qualquer outro congênere, se acha necessariamente excluído, visto não possuir conteúdo semântico, mas somente o caráter de conectivo e a perspectiva modo-aspectivo-temporal.

3 — Voz Ativa

Na maioria dos casos talvez se possa garantir que a voz ativa indique o agente do processo verbal, isto é, que o sujeito pratica a ação:

- a) Deus *criou* o mundo em seis dias;(*)
- b) Aníbal *atravessou* os Alpes;
- c) Caramuru *conquistou* os índios, onde não há dúvida

(*) Exemplos com verbos transitivos diretos.

que *Deus*, *Aníbal* e *Caramuru* praticam as ações expressas pelos verbos respectivos. Em

- a) A estrela *cintila* no horizonte;(**)
- b) O trovão *ribomba* na serra;
- c) O cão *ladra* no terreiro, também não há dúvida que a *estrela*, o *trovão* e o *cão* praticam as ações respectivas e, portanto, são verdadeiros agentes. Em

- a) o moleque *apanha* muito da madrasta;
- b) o touro não *sofre* o jugo; 1, p. 551
- c) o negro *sentiu* a ponta da lança, a voz é ativa, mas há passividade e não atividade, não obstante a presença da voz ativa. Em

Deus é o criador de todas as cousas existe a maior atividade jamais praticada, e nem sequer há voz, porquanto *ser* é um verbo de ligação e, por conseguinte, adiatético.

“Não há, pois, uma relação constante e indissolúvel entre os conceitos metafísicos de *agente* e *ação* e os conceitos gramaticais de sujeito e verbo da voz ativa, onde não raro há até imanente, a) a inércia, b) ou a passividade do sujeito:

- a) O menino dorme;
- b) O menino *apanha* uma surra”, (2, p. 368)

“Se eu digo *Pedro vê Paulo* ou *Pedro ama Paulo*, as duas pessoas praticam uma sobre a outra uma ação que não pode ser indiferentemente concebida como ativa ou receptiva. A vista é um fenômeno receptivo: Pedro teve a retina excitada por certa imagem. Da mesma forma no amor ou na amizade: Pedro experimenta determinado sentimento. Isto não tem nada de ativo”. (3, p. 123).

(**) Exemplos com verbos intransitivos.

Esquema Estrutural da Voz Ativa

+ A	+ C
eu	corro
tu	corres
ele	corre
nós	corremos
vós	correis
eles	correm

O sinal *mais*, precedente à letra maiúscula, quer dizer que a presença do traço é necessária (indispensável): A e C não podem faltar. O leitor deve ter notado que saltamos o elemento B, e talvez até inferido que o fizemos por distração. Que houve o salto, isto houve; a distração, não. A ausência do elemento B constitui o traço estrutural da voz ativa, da mesma forma que a sua presença constitui um traço estrutural das outras vozes, adjunto a outros traços distintivos.

O elemento A são os pronomes retos que podem contingentemente ser substituídos por: a) flexão verbal; b) outro pronome; c) substantivo; d) infinitivo; e) subordinada substantiva:

- a) *corres* tanto;
- b) *Tudo* passa com rapidez;
- c) O *herói* caminhava entre flores;
- d) Convém *lutar*;
- e) Basta *que te respeites*.

Se o sujeito for indeterminado ou inexistente, o elemento A não pode comparecer: *vive-se bem aqui*; *relampejava muito*.

O elemento C será sempre um verbo, conjugado nos tempos simples ou nos compostos com *ter* ou *haver* (tens corrido tanto; tudo havia passado com rapidez). Os tempos simples pertencem ao campo da morfologia, os compostos ao campo da sintaxe. O particípio constitui um caso especial e pode ser ativo, passivo, reflexivo ou médio, em geral conforme a pre-

dicação do verbo. Exemplos ativos: a) *árvore caída*; b) *pessoa viajada*; c) *parente falecido*. Excepcionalmente o verbo é transitivo direto: *homem lido* (que lê).

Conclui-se que os traços estruturais da voz ativa são a presença do elemento A e do elemento C. Somente o contraste com as outras vozes esclarecerá plenamente o esquema estrutural da voz ativa, especialmente a inexistência do elemento B.

É preciso não confundir *voz ativa*, categoria gramatical, e *atividade*, categoria nocional; a primeira pressupõe os elementos A e C; a segunda pressupõe apenas o agente da noção contida no processo. Em *Dalila traiu Sansão* há voz ativa e atividade; em *o moleque levou uma surra* — voz ativa e passividade.

4 — Voz Passiva

Talvez se possa afirmar que o sujeito seja em quase todos os casos o paciente do processo verbal na voz passiva, isto é, que o sujeito sofre a ação:

- a) O mundo *foi criado* por Deus;
- b) Os Alpes *foram* atravessados por Aníbal;
- c) Os índios *foram conquistados* por Caramuru.

À semelhança do que se passou na voz ativa (exemplos colhidos em Vendryès) em

- a) Paulo *foi visto* por Pedro;
- b) Paulo *foi amado* por Pedro,

a vista continua sendo fenômeno receptivo e nada de ativo se depara no sentimento. Se a vista é passiva, quem sofre a ação é *Pedro* no exemplo (a), não obstante ser o agente da passiva; e, se o sentimento não tem nada de ativo, não se pode assegurar que *Pedro* é o agente no exemplo (b), considerando-se cada enunciado sob o ponto de vista semântico.

Acresce, como já referimos, que nalguns casos a voz ativa exprime passividade:

- a) O moleque *apanha* muito da madrasta;
- b) O bobo *receberá* essa afrontosa pena; (1, p. 496)
- c) O enfermo *teve* um colapso.

Passemos agora — é isto que nos interessa propriamente — ao campo da lingüística e apresentemos a esquematização estrutural da voz passiva, que, dividida em *participial* e *pronominal*, reclama dois esquemas estruturais.

Na voz passiva entra em cena o elemento *B*, que não existe na voz ativa e negativamente a caracteriza. Divide-se em *B1*, correspondente à voz *passiva participial*, e *B2*, correspondente à voz *passiva pronominal*.

Esquema Estrutural da Passiva Participial

+ A	+ B1	+ C
eu	ser	louvado, a
tu	"	"
ele	"	"
nós	"	louvado, as
vós	"	"
eles	"	"

Como previamente já explicamos, o sinal *mais*, precedente à letra maiúscula, significa necessariedade; o elemento *A* pode contingentemente ser substituído por flexão, outro pronome, substantivo, infinitivo, subordinada substantiva. Isto vale para todas as vozes.

O elemento *B1* será sempre o verbo *ser* em qualquer forma de sua conjugação: *sou, eras, foi, sejamos, sereis, seriam* e tantas outras.

O verbo nuclear da voz passiva é o elemento *C*, que, variável em número e gênero, deve sempre ser o participio.

Além dos traços esquemáticos — A, B1, C,— há outro muito importante que não deve nem pode ser desprezado, pois constitui irrefragável prova da voz passiva participial. É a seguinte: *toda construção passiva é transformável em construção ativa*:

Cristo foi traído por Judas

se converte em *Judas traiu Cristo*. A operação transformacional é a seguinte: escrevem-se as palavras ao contrário (Judas por traído foi Cristo); suprimem-se *por* e *ser*(*) (Judas traído Cristo); põe-se o particípio no mesmo tempo de *foi* — o perfeito (Judas traiu Cristo).

Se a voz passiva não tiver agente, será preciso acrescentá-lo sob a forma de *por alguém* ou *por algo*. As construções *Tiradentes foi denunciado* e *Pompéia foi destruída* expandem-se em *Tiradentes foi denunciado por alguém* e *Pompéia foi destruída por algo*, donde as construções ativas *alguém denunciou Tiradentes* e *algo destruiu Pompéia*. Em face disto se concluirá que *a hora é chegada* não está na passiva, visto não se poder acrescentar *por alguém* ou *por algo*, nem modificar-lhe a voz: *a hora é chegada por alguém* e *alguém chegou a hora* seriam resultados absurdos. Não bastam, pois, os três traços esquemáticos — A, B1, C; também é imprescindível a passagem para a voz ativa. Em *a hora é chegada* existem os três traços, e, no entanto, não se manifesta o fenômeno da voz passiva: A = hora, B1 = é, C = chegada. O elemento A vem acompanhado pelo artigo, como poderia vir por outros vocábulos: *a hora decisiva* ou *a hora da partida é chegada*.

O particípio, só por si, constitui uma forma da voz passiva, portanto sem a presença do verbo *ser*:

O homem, *criado* por Deus à sua semelhança, aspira à imortalidade

(*) Não esquecer que o infinitivo *ser* representa qualquer forma deste verbo.

onde *por Deus* é agente da passiva.

O português “não herdou ao latim as formas passivas do verbo, com exceção do particípio que geralmente conservou o significado passivo” (4, p. 7).

O elemento *C* desempenha sempre a função de sujeito, tanto na *voz passiva participial*, correspondente ao esquema estrutural *A — B1 — C*, cuja descrição acabamos de apresentar, como na *voz passiva pronominal*, correspondente a *C — B2 — A*, cuja descrição vamos apresentar nos parágrafos seguintes, sob o título

Esquema Estrutural da Passiva Pronominal

+ C	+ B2	+ A
vende-	se	casa
vendem-	se	casas

A passiva pronominal possui três traços especiais que a distinguem das outras vozes:

I) A ordem normal é inversa (*C, B2, A*, em lugar de *A, B2, C*), donde pospor-se o sujeito ao verbo:

Vendem-se casas

II) É por isto que *a porta se fechou* é voz média. *Fechou-se a porta* será passiva, se tiver a significação de *foi fechada a porta* (eu a fechei, meu filho ou alguém a fechou, depois que por exemplo todas as pessoas se retiraram); será média se tiver a significação de *a porta se fechou*, isto é, o vento ou algo fortuito provocou o fechamento.

Eu me chamo José

porque o elemento *B* será exclusivamente *se*.

III) Só esporadicamente o elemento A pode ser o pronome reto (ele, ela, eles, elas):

A paisagem é linda; *ela se avista* de longe;

mas então a ordem costuma ser direta, contrariando a normalidade. *Avista-se ela* causa a impressão de que se está usando *ela* como objeto direto, por causa da posição — imediatamente após o verbo.

IV) O morfema *se* representa um sujeito psicológico, de significação vaga, e dado isto pode ser substituído por *a gente*, *nós* ou o verbo na 3ª pessoa do plural:

- a) Não *se* viu a cobra;
- b) Aceita-*se* encomenda;
- c) Conta-*se* muita mentira,

que admite as seguintes substituições: a) *a gente* não viu a cobra; b) *nós* aceitamos encomenda; c) *contam* muita mentira. Nestas construções, o sujeito gramatical é *cobra*, *encomenda* e *muita mentira*; mas o sujeito psicológico, aquele que o falante comum sente como sujeito, é uma pessoa vaga, um alguém indefinido, representado pelo morfema *se*.

Em lugar de *C*, *B2*, *A* pode ocorrer *B2*, *C*, *A*, se algum termo atrair o *se*, ou por simples opção estilística:

- a) não *se vendem* casas;
- b) voltei depois, e *se comprou* o carro.

Além dos traços esquemáticos *C*, *B2*, *A* ou *B2*, *C*, *A*, existe outro muito importante que não pode nem deve ser desprezado, pois constitui a prova irrefragável da voz passiva pronominal. É a seguinte: *toda passiva pronominal é transformável em passiva participial*:

Vendem-se casas

se converte em *casas não vendidas*. A operação transformacional é a seguinte: escrevem-se as palavras ao contrário com o se proclítico (*casas se vendem*); substitui-se o se pelo verbo *ser* e põe-se o verbo no particípio (*casas são vendidas*). É condição necessária, *sine qua non*, que haja relativa equivalência de sentido entre as duas construções. Pode ser que *vendem-se casas* e *casas são vendidas* não signifiquem a mesma coisa em termos absolutos; mas o que importa é a relativa equivalência da significação: esta, não há dúvida que há. Em face disto se concluirá que *a porta se fechou* não está na voz passiva, pois *a porta foi fechada* tem diferente sentido. No primeiro caso haveria sido o vento a causa ou qualquer outra coisa imprevista; no segundo, pressupõe-se a presença do agente: se *a porta foi fechada*, sabe-se perfeitamente que o foi *por alguém*, que deliberadamente a fechou. Não bastam, pois, os três traços esquemáticos — C, B2, A ou B2, C, A; também é imprescindível a passagem para a voz passiva participial e a relativa equivalência do sentido.

Antecipando-nos um pouco, podemos acrescentar que a construção *a porta se fechou* está na voz média, intermediária entre a voz ativa e a voz passiva.

É preciso não confundir *voz passiva*, categoria gramatical, e *passividade*, categoria nocional; a primeira pressupõe entre outros traços os elementos A, B, C (mutável a ordem); a segunda pressupõe apenas o paciente da noção contida no processo. Em *Abel foi assassinado por Caim*, há voz passiva e passividade; em *o moleque levou uma surra* — voz ativa e passividade.

Em *vendem-se casas*, o se é o morfema da voz passiva. Note-se bem o seguinte, pois se trata de traço muito importante; em *aceita-se encomenda* e *vive-se apenas uma vez*, semanticamente o se tem o mesmo valor indeterminante; a diferença entre os dois é puramente gramatical; psicologicamente o se é sujeito em ambos os casos.

5 — Voz Reflexiva

Talvez se possa afirmar, com a máxima probabilidade, que o sujeito seja em quase todos os casos o agente e o paciente do processo verbal na voz reflexiva, isto é, que o sujeito pratica e sofre a ação:

- a) Eu *me contemplei* no cristal das águas;
- b) O prisioneiro *se matou*;
- c) Tu *te perdeste*.

O aspecto semântico, presente na definição de voz, é secundário, puramente nomenclatório (é bom insistir neste aspecto). A verdadeira definição se desenvolve sob a forma dos esquemas estruturais. Os termos *agente* e *paciente* são aproximativos, e obviamente necessários, preferíveis por exemplo a voz *alfa* e voz *beta*, ou voz *arroz* e voz *feijão*.

A voz reflexiva exhibe 4 traços estruturais — *A, B, C, D*, que vista a subdivisão do quarto, se desdobram em três esquemas estruturais autônomos: *A, B, C, D1, A, B, C, D2, A, B, C, D3*.

O elemento *D* deve ser entendido como alguma coisa que pode ser acrescentada e não alguma coisa que sempre deve estar presente. É uma peça que *pode* ser encaixada.

Esquema Estrutural "A-B-C-D1"

+ A	+ B	+ C	+ D1
eu	me	defendo	a mim mesmo
tu	te	defendes	a ti mesmo
ele	se	defendemos	a si mesmo
nós	nos	defende	a nós mesmos
vós	vos	defendeis	a vós mesmos
se	eles	defendem	a si mesmos

Com os elementos *A* e *B* devem ter sempre o mesmo número e a mesma pessoa: *eu me*, não porém *eu te* ou *eu vos*;

tu te, não porém *tu me* ou *tu nos*; *ele se*, não porém *ele me* ou *ele te*, *ele nos* ou *ele vos*, e assim por diante nas outras combinações.(*). É o que se chama *equação número-pessoal*. Em face disto em

Eu te protejo

não há voz reflexiva, mas sim voz ativa, porque o verbo se apresenta na sua forma simples. É que a equação número-pessoal (*eu me*, *tu te*, *ele se*, *nós nos*, *vós vos*, *eles se*) caracteriza quase todas as vozes, excetuando-se a voz ativa e a passiva participial. Na passiva pronominal ocorre somente nas terceiras pessoas, mas ocorre. Em

Eu me protejo

a voz reflexiva, pois temos as equações *singular mais singular*, *1ª pessoa mais 1ª pessoa*, e se pode acrescentar o elemento *D1*: *eu me protejo a mim mesmo*.

Esquema Estrutural "A-B-C-D2"

+ A	+ B	+ C	+ D2
eu	me	defendo	e aos outros
tu	te	defendes	" " "
ele	se	defende	" " "
vós	nos	defendemos	" " "
nós	vos	defendeis	" " "
eles	se	defendem	" " "

Ante o exposto, é fácil identificar a voz reflexiva nos exemplos retrocitados:

- eu me contemplei e aos *outros*;
- o prisioneiro se matou e aos *outros*;
- tu te perdeste e aos *outros*;
- eu me defendo e aos *outros*.

(*) Não esquecer que o elemento *A* comporta cinco substituições: *flexão*, *outro pronome*, *substantivo*, *infinitivo*, *subordinada substantiva*.

Ao aplicar-se o esquema, não é necessário citar o enunciado com todos os seus termos; bastam os elementos *A-B-C-D*, no caso da reflexiva, e um ou mais adjunto que lhes complete o sentido. Em, *verbi gratia*,

O homem se destrói com suas próprias mãos

suprime-se o adjunto adverbial de meio:

O homem se destrói e aos outros

para simplificar a esquematização. Esta orientação já foi adotada neste capítulo, quando aplicamos o esquema estrutural a *eu me contemplei no cristal das águas*.

Esquema Estrutural "A-B-C-D3"

O elemento *D3* é a soma dos elementos *D1* e *D2*:

+ A	+ B	+ C	+ D3
eu	me	defendo	a mim mesmo e aos outros
tu	te	defendes	a si mesmo " " "
ele	se	defende	a ti mesmo " " "
nós	nos	defendemos	a nós mesmos " " "
vós	vos	defendeis	a vós mesmos " " "
eles	se	defendem	a si mesmos " " "

Para maior ilustração, vamos aplicar o esquema estrutural *A-B-C-D3* aos outros exemplos retrocitados:

- eu me contemplei *a mim mesmo e aos outros*;
- o prisioneiro se matou *a si mesmo e aos outros*;
- tu te perdeste *a ti mesmo e aos outros*;
- eu me defendo *a mim mesmo e aos outros*;
- o homem se destrói *a si mesmo e aos outros*.

No terceiro parágrafo deste capítulo escrevemos que os três esquemas estruturais são autônomos. Isto quer dizer que são independentes um do outro, e que não é necessário aplicar os três para identificar a voz reflexiva: basta um para classificar a diátese.

Além dos traços esquemáticos *A-B-C-D*, há outro muito importante que não pode nem deve ser desprezado: o elemento "*B*" será sempre objeto direto. É que a voz reflexiva — duas vozes somadas — contém implicitamente a voz passiva e subjacentemente o objeto direto, pois todo sujeito da passiva é um objeto direto disfarçado. Em *você não se pertence*, não há voz reflexiva, porque o *se* é objeto indireto; nem tampouco, e pela mesma razão, em *tu te atribuis o título de mestre*.

Eis a demonstração de que a voz reflexiva é a soma da voz ativa e da voz passiva:

Paulo se dominou = Paulo dominou Paulo

isto é, *Paulo dominou* alguém (ele próprio), e *foi dominado* por alguém (por ele próprio).

É preciso não confundir voz reflexiva, categoria gramatical, e reflexividade, categoria nocional; a primeira, pressupõe entre outros traços os elementos *C-B-A* ou *B-C-A*; a segunda, pressupõe apenas o agente-paciente da noção contida no processo. Em *ele se matou* há voz reflexiva e reflexividade; em *eu lavei o rosto* — voz ativa e reflexividade. Em *tu és ególatra* existe reflexividade, não porém a categoria da voz reflexiva por causa do verbo *ser*, adiatético, por falta de conteúdo semântico.

A voz reflexiva é muito rara, comparada com as outras, excetuando-se a recíproca — um tipo de voz reflexiva (cf. 2 — *Esquema Geral*).

Uma jovem me perguntou se *eu me casei* é voz reflexiva. Respondi-lhe jocosamente o seguinte: "Se você arranjou um marmanjo, fugiu com ele, e não deu bola nem à igreja nem ao cartório, você *casou-se a si mesma*, e a voz é reflexiva". Como isto é uma piada, o tipo de voz é outro — média.

A esquematização A-B-C-D esclarece que a intencionalidade não é um traço distintivo da voz reflexiva. Em *eu me suicidarei* a intencionalidade é um fato, mas a voz é média, e não reflexiva.

O analista pode ter dúvida se o acréscimo do elemento D será ou não aceitável. Em *verbi gratia*

O operário se atirou da janela

é possível enxertar-se a expansão *a si mesmo (D1)* ou as outras expansões (*D2 e D3*).

O problema da aceitabilidade foi tratado por Chamsky: "Vamos empregar o termo *aceitável* para denotar os enunciados que são perfeitamente naturais e compreensíveis imediatamente, sem recorrer-se a estudos analíticos, e não parecerem extravagantes ou estranhos" (6, p. 11). Na página seguinte: "As orações mais aceitáveis são aquelas que têm mais probabilidade de ser produzidas, que são compreendidas mais facilmente, menos desajeitadas e de certo modo mais espontâneas" (6, p. 11).

É o caso de perguntar se você diria naturalmente: *o operário se atirou a si mesmo da janela, e não sofreu nada*. É claro que você nunca diria.

6 — Voz Recíproca

Talvez se possa afirmar, com a máxima probabilidade, que o sujeito seja em quase todos os casos o agente e o paciente do processo verbal na voz recíproca, mormente por constituir um tipo de voz reflexiva, consoante o exposto no capítulo *Esquema Geral*:

- a) nós *nos atacávamos* cruelmente;
- b) vós *vos injuriastes* sem motivo;
- c) eles *se ajudaram* cristãmente

em que a voz recíproca é um tipo de voz reflexiva cruzada:

- a) *eu* ataquei *tu*(*) (tu te)
- a) nós nos atacamos
b) *tu* atacaste *eu* (eu me)
- a) *tu* injuriaste *ela* (ela se)
b) vós vos injuriastes
b) *ela* injuriou *tu* (tu te)
- a) *ele* ajudou *ela* (ele se)
c) eles se ajudaram
b) *ela* ajudou *ele* (ela se)

Não se trata de *eu me ataquei* e *tu te atacaste*, *tu te injuriaste* e *ela se injuriou*, *ela* ou *ele se* ajudou, por causa do cruzamento sintático.

Na reflexiva propriamente dita, o agente e o paciente são a mesma personagem:

- a) eu — eu
b) tu — tu
c) ele — ele

Na reflexiva cruzada (voz recíproca), o sujeito são duas ou mais personagens distintas:

- a) eu — tu
tu — eu
b) tu — ela
ela — tu
c) ele — ela
ela — ele

(*) Usamos o caso reto em lugar do oblíquo por conveniência didática: o cruzamento correto seria:

- a) eu — me, tu — te;
b) tu — te, ela — se;
c) ele — se; ela — se.

Esquema Estrutural da Voz Recíproca

+ A	+ B	+ C	+ E		
nós	nos	entendemos	um(s)	ao(s)	outro(s)
vós	se	entendeis	"	"	"
eles	vos	entendem	"	"	"

Saltamos o elemento D, porque o especializamos para a esquematização da voz reflexiva.

Além de ser tão rara como, ou mais ainda que a reflexiva, somente se conjuga nas três pessoas do plural, conforme se vê pelo esquema.

Ante o exposto, é fácil identificar a voz recíproca nos exemplos retrocitados:

- a) nós *nos* atacávamos *uns aos outros*
- b) vós *vos* injuriastes *uns aos outros*
- c) eles *se* ajudaram *uns aos outros*

O elemento *E* deve ser entendido como alguma coisa que pode ser acrescentada e não alguma coisa que sempre deve estar presente. É uma peça que pode ser encaixada, exatamente como o elemento *D* na voz reflexiva. Em *amai-vos uns aos outros*, a imortal sentença bíblica, o elemento *E* acompanha sempre os outros elementos.

Excepcionalmente a voz recíproca se manifesta na 3ª pessoa do singular; neste caso o elemento *A* deve ser um coletivo:

Aquele casal *se entende* bem

Para acrescentar o elemento *E*, substitui-se o plural semântico, isto é, o coletivo, por um plural gramatical:

Os dois *se* entendem *um ao outro*

e, aplicando o cruzamento sintático, de alto valor comprobativo, temos o seguinte:

Ele entende ela
Ela entende ele

Em

Eles *se* queixaram uns aos outros

não há voz recíproca, uma vez que não se pode aplicar o cruzamento sintático:

Eles queixaram elas
Elas queixaram eles

são torneios inadmissíveis. Em

Vocês gostam *um do outro*

não pode havê-la tampouco por faltarem dois traços estruturais: o elemento *B* e o elemento *E*. Temos *um do outro*, é bem verdade; mas o 4º elemento é *um ao outro*, com a preposição *a*, e não *um do outro* ou *um com o outro* (conversavam um com o outro), ou *um para o outro* (olhavam desconfiados um para o outro), pois a preposição *a*, e não outra, é um caráter necessário do elemento *E*.

É preciso não confundir a categoria gramatical da *voz recíproca* e a categoria nocional da *reciprocidade*; a primeira, pressupõe entre outros os elementos *A-B-C-E*; a segunda, pressupõe apenas um agente e um paciente do processo verbal, que semanticamente cruzados atuam reciprocamente um sobre o outro. Em *suportai-vos uns aos outros* há voz recíproca e reciprocidade; em *trocaram beijos e saíram correndo*, há voz ativa e reciprocidade.

7 — Voz Média

Parece-nos indubitável que haverá sempre certa relação de agente e paciente entre o sujeito e o conteúdo semântico do verbo. Isto quer dizer que o sujeito não é propriamente o agente do processo, mas atua como tal de certa maneira; que não é propriamente o paciente, mas sofre de certa maneira o efeito do processo verbal. A denominação *média* é muito significativa: não é ativa nem passiva; está no meio, situada entre as duas:

meu amigo zangou-se com o vizinho

em que *meu amigo* entra como agente, não porém ao ponto de zangar-se a si mesmo, pois o *vizinho* tem a sua cota de participação na relação verbo-sujeito. Não se trata de *meu amigo zangou meu amigo*, é óbvio que não. É “apenas envolvido no processo”, conforme a definição de vozes no 1º capítulo.

Esquema Estrutural da Voz Média

+ A	+ B	+ C	— D	— E
eu	me	aborreço	—	—
tu	te	aborreces	—	—
ele	se	aborrece	—	—
nós	nos	aborrecemos	—	—
vós	vos	aborreceis	—	—
eles	se	aborrecem	—	—

A definição desta voz é negativa(*), isto é, o que a caracteriza é ser impossível acrescentar-lhe o elemento D, que demonstra não se tratar de voz reflexiva, e o elemento E, que

(*) É a segunda voz que negativamente se define: a primeira foi a voz ativa, definida pela ausência do elemento B.

demonstra não se tratar de voz recíproca. As construções expandidas

- a) eu me aborreço a *mim mesmo*;
- b) eu me aborreço e aos outros;
- c) eu me aborreço a *mim mesmo e aos outros*,

correspondentes ao elemento D; e

- d) nós nos aborrecemos *uns aos outros*,

correspondente ao elemento E, são inadmissíveis, pelo menos em situações ordinárias. Ao contrário das vozes reflexiva e recíproca, onde os exemplos se apresentam raros e difíceis, na média são abundantes e fáceis:

- a) *Eu me* aproximei da cratera;
- b) *Tu te* zangaste comigo;
- c) *O aluno* enganou-se;
- d) *Nós nos* afastamos com saudade;
- e) *Vós vos* despedistes com lágrimas;
- f) *Os pescadores* se afogaram no mar;
- g) *Eu me* conformarei um dia;
- h) *Tu te* lembravas com remorsos;
- i) Não se esqueça de mim;
- j) Atiramo-*nos* à correnteza;
- k) Alegrai-*vos* com a prática do bem;
- l) Evadiram-se os presos;

e muitos outros que se poderiam citar. Em

O jarro se quebrou

não há voz reflexiva, porque o jarro não se quebrou a si mesmo; nem passiva pronominal, porque *o jarro foi quebrado* significa outra coisa; só pode ser voz média. Em

Eu me batizei na catedral

não há voz passiva, porquanto *eu fui batizado na catedral* tem outro sentido. Vamos admitir, por motivo que não interessa discutir, que me tenha batizado com vinte e um anos completos, por conseguinte em plena maioridade. Neste caso, *eu me batizei* pressupõe o meu consentimento e até a comemoração do meu batismo; em *eu fui batizado* se pressupõe que não fui consultado, ou pelo menos se pode pressupor. Comparem-se as construções *eu me ordenei* e *eu fui ordenado no seminário*, *eu me formei* e *eu fui formado em letras clássicas*, *eu me diplomei* e *eu fui diplomado na Escola Normal*. Podem apresentar-se mais três argumentos, quiçá mais importantes, para justificar a voz média em *eu me batizei na catedral*: a) é normal dizer-se *ele se batizou na catedral*, mas sabemos que a passiva pronominal rejeita ordinariamente o pronome reto: *ela se vende*, igual a *ela é vendida*, é inusual; b) o morfema *se* da passiva indetermina semanticamente (psicologicamente) o sujeito; em *aceita-se a encomenda*, gramaticalmente *encomenda* é o sujeito; semanticamente não se sabe quem o é, o que não acontece em *ele se batizou na catedral*; c) a ordem A-B-C não é a norma na passiva pronominal; em *Joca se batizou na catedral*, a ordem é A-B-C, e, todavia, não se descobre a menor anormalidade, como seria de o esperar (cf. *a encomenda se aceita*, inadmissível em situações ordinárias). Em

Eu me chamo José

também não há voz passiva, pois *eu sou chamado José* não quer dizer a mesma coisa. O autor de *Iracema*, a virgem dos lábios de mel, *chamava-se José*, e, ao tempo de menino, *era chamado Cazuza*. Era *José* o nome, *Cazuza* era apelido (8, p. 3)

Conclusão: em ambos os casos a voz é média.

É preciso não confundir a categoria gramatical da voz média e a categoria nocional da *mediedade*(*); a primeira pressupõe entre outros traços os elementos positivos A-B-C e os elementos negativos D e E; a segunda, pressupõe apenas o sujeito envolvido no processo, em parte como agente, em parte como paciente. Em *a rainha se ajoelhou* há voz média e mediedade; em *o sapato enxugou, a porta não abre, a lâmpada não acende*, há voz ativa e mediedade.

Os verbos essencialmente pronominais são médios por excelência: nunca se conjugam noutra voz. Há certos verbos, como *rir*, que se conjugam tanto na voz ativa como na média. Em *não se ria dos outros*, o *se* é morfema da voz média, e não simples expletivo. Quando o verbo é médio(**), chama-se ao elemento B morfema da voz média; tradicionalmente — parte integrante do verbo.

8 — Conforme a Situação

Muitas vezes somente a situação pode esclarecer o tipo de voz. Em

Os meninos *se feriram* propositalmente,

ou seja, cada um enfiou uma agulha no próprio braço para mostrar que tinha a coragem de fazê-lo, não há dúvida que a voz é reflexiva. Em

Os meninos *se feriram* na briga

entendendo-se que *Jonas feriu José, José feriu Jonas*, ou, ademais, que *Pedro feriu Paulo, Joca feriu Juca e Juca feriu Jo-*

(*) Fomos compelido a criar o neologismo. É que *medianidade* não se refere a *médio*, mas a *mediano*, e quebra a simetria nomenclatória: *ativo-atividade, passivo-passividade, reflexivo-reflexividade, recíproco-reciprocidade*.

(**) Já no grego se usava a expressão *méson rhéma* 'verbo médio' (7. p. 1256) 7) BAILLY, A. — *Dictionnaire Grec-Français*. Paris, Libr. Hachette, 1950.

nas (o entrelaçamento pode assumir formas infinitamente complexas) neste caso a voz é indubitavelmente recíproca. Em

Os meninos se feriram na cerca,

isto é, foram passar depressa por entre o arame farpado para fugir de alguém, e as farpas feriram-lhes o corpo, é óbvio que nesta situação se configura a categoria da voz média.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. FERNANDES, Francisco — *Dicionário de Verbos e Regimes*. Rio, Ed. Globo, 1955.
02. CÂMARA JR., J. Mattoso — *Dicionário de Filologia e Gramática*. São Paulo, V. Ozon, 1968.
03. VENDRYES, J. — *Le Langage*. Paris, Albin Michel, 1950.
04. HAMPLOVA, Sylva — *Algunos Problemas de la Voz Perifrástica Pasiva y las Perífrasis Factitivas en Español*. Praga, Instituto de Lenguas y Literaturas de la Academia Checoslovaca de Ciências, 1970.
05. HJELMSLEV, Louis — *Prolegómenos a una Teoría del Lenguaje*. Trad. José L. D. Liaño. Madrid, Ed. Gredos, 1971.
06. CHOMSKY, Noam — *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, The M.I.T. Press, 1965.
07. BAILLY, A. — *Dictionnaire Grec-Français*. Paris, Libr. Hachette, 1950.
08. COLARES, Otacílio — *Alencar e Sua Obra*. Ceará, Secretaria de Cultura e Universidade Federal do Ceará, 1977.